

# TAKE TI NA

## A DANÇA POLIRRÍTMICA DOS ARQUÉTIPOS SONOROS

"Tudo ressoa, mal se rompe o equilíbrio das coisas.  
As árvores e as ervas são silenciosas: se o vento as agita, elas ressoam.  
A água está silenciosa: o ar a move, e ela ressoa.  
As ondas mugem: é que algo as oprime.  
A cascata se precipita: é porque falta-lhe solo.  
O lago ferve: algo o aquece. Os metais e as pedras são mudos,  
mas ressoam se algo os golpeia.

Assim também o homem. Se fala, é porque não pode conter-se.  
Se se emociona, canta. Se sofre, lamenta-se.  
Tudo o que sai de sua boca em forma de som  
se deve a um rompimento do seu equilíbrio...  
A palavra é o mais perfeito dos sons humanos;  
a literatura, por sua vez, é a mais perfeita forma de palavra.

E assim, quando o equilíbrio se rompe, o céu escolhe entre os homens  
os que são mais sensíveis e os faz ressoarem."

(Han Yu, poeta chinês)



No centro, o tambor.  
Ao redor as pessoas deitam-se para incorporar o ritmo e retornar ao ciclo.  
Em volta delas, os círculos dançantes se harmonizam.  
Todos cantam ao som do berimbau, batem palmas e pisam firme no chão.

*Guia o cavalo para onde ele te guiar.*  
(provérbio taoísta)

*Cada ser humano que encontro exhibe o meu próprio rosto.  
Estou em toda parte, eu, o mundo ou Deus. Quando sorrio  
para você, estou sorrindo para mim mesmo e o mundo  
também sorri. Quando lhe dou um beijo, é um mesmo e único  
plano de experiência que se beija, curvado sobre si mesmo.*

— Pierre Lévy

## δ

Pensamos que o cérebro (representante da mente no corpo) controla todo o corpo. E ampliamos esta relação interna ao macrocosmo: o *eu* deve, então, controlar o *Outro*, o mundo. Nasce dessa tentativa frustrada a desconfiança e o medo, por um lado, e o apego, por outro. Imediatamente sentimos necessidade de estabilidade, de segurança. Como um homem em cima de um cavalo, que necessita correr depressa, sem confiar no animal. Tenta controlá-lo, preso numa constante relação de medo. Ou como um peixe que precisa do rio exterior para viver, mas esse mesmo rio é um *Outro* ameaçador. Uma selva, é isso que passa a ser o mundo. E ela deve ser percorrida pelos lugares mais seguros, pois devemos nos afastar dos perigos. Dessa ilusão, o *não-reconhecimento* da natureza das coisas, surge o ego separatista — a sensação concreta de que o eu está separado de todos os objetos e de todo o fluxo de momentos. O homem que tenta frustradamente controlar cada coisa, este ego medroso, separa-se do mundo e toma-o como um *Outro* hostil que ameaça a sua vida. A relação mente-corpo espelha essa relação eu-mundo. Da mesma forma que sinto um "homenzinho" dentro de minha cabeça, a controlar todo o meu corpo, sinto-me um ponto de visão em um universo inteiro que me é exterior, estranho e distante.

Na *Ta Ke Ti Na*, os pés ganham vida própria por meio de movimentos repetitivos, seguindo um padrão cíclico, um arquétipo rítmico; quase como uma mandala sonora ou um mantra visível. A mente, ao olhar para eles, sente-se no controle, mas, depois de um certo tempo, ela se cansa de controlá-los e deixa-os no caos, numa gostosa inconsciência. Além desse cansaço mental — a mente gosta sempre de mudanças —, as mãos começam a tomar a atenção da mente ao fazerem ciclicamente outra mandala sonora (radicalmente diferente da primeira). Durante essa relação de aparente controle mente-mão, os pés voltam ao estado natural de autocontrole, de autoconsciência. Retornam para a harmonia original do corpo. Depois de muita repetição, o mesmo acontece com as mãos, e a mente passa a se preocupar apenas com as constantes mudanças na voz — que percorre as duas mandalas em um nauseante improvisado. Aprende-se que o caos é a entrada para o equilíbrio. Aceitando a desordem, abandonando qualquer tentativa de controle, instantaneamente caímos no ritmo.

Durante a dança dos arquétipos, surgem três diferentes camadas de consciência — pés, mãos e voz. Dois padrões de natureza diversa, e um solo que lhes transpassa. A mente, como a conhecemos, dá conta apenas de *uma* camada. No entanto, quando fazemos várias coisas ao mesmo tempo, ela alterna rapidamente entre uma camada e outra, fazendo-nos acreditar na ilusão da simultaneidade. Para a mente, nada é simultâneo; tudo é linear e gradual. Na dança dos arquétipos rítmicos, não há tempo para as mudanças de camada da mente: as três ocorrem simultaneamente em lugares diferentes, formando uma *polirritmia*.

Camadas que ocorrem dentro de apenas um ritmo podem ser agrupadas em uma só camada, como várias cores e formas que se integram em um quadro. Mas o que fazer com quadros inteiros que se sobrepõem? Como olhar duas paisagens ao mesmo tempo? Ou ouvir dois sons numa única pulsação sem transformá-los em um único som composto? Na polirritmia, a questão é: como ouvir uma vocalização "dá" de uma pessoa e, simultaneamente, uma "ki" de outra, sem ouvir um som composto pela sobreposição de "dá" e "ki"? Ao tentar ouvir só um som, o outro é ignorado. Nossa mente é unidimensional.

Na *Ta Ke Ti Na*, desvelamos um corpo que é infinitamente mais consciente, racional e lógico do que nossa ilusória mente controladora. Caos e ordem tornam-se confortavelmente *um*. Este corpo, ao renascer, volta a sua consciência original, que é por natureza multidimensional, não-linear e espontânea. A ação de andar sem o controle da mente passa a ser só o andar, como o respirar. Onde o consciente abre-se para o inconsciente; o voluntário, para o involuntário. Tudo é deixado para o próprio corpo, sem controle externo; sobrando, assim, apenas uma *autoconsciência*. Cada célula descobre-se autoconsciente de si mesma. E seu movimento, se visto em relação ao corpo total, é inconsciente. Ter consciência não é mais sinônimo de pensar ou de controlar. Percebe-se que tentar controlar a mão é não deixar o único controle real acontecer: o autocontrole.

Posto isso, resta uma questão. Se tudo no corpo tem consciência de si, como se dá a interação entre suas partes? Ampliando para o mundo: se somos todos indivíduos separados e com vida própria, como nós nos relacionamos?

Na experiência da *Ta Ke Ti Na*, ao deixar a mão por conta própria, você percebe que, de alguma maneira, ainda é você que a controla. Mas não o eu que você conhecia antes, não essa mente separada do corpo e do mundo. (Você controla sua mão tanto quanto controla a chuva...) Esse novo eu transpassa e constitui a mão, ele não é externo nem interno a ela. *O eu é a própria mão* (nesse sentido, digo que a mão é manifestação do eu, é o eu agindo; e esse eu é o próprio universo — a nossa verdadeira natureza). O

corpo, pois, torna-se um ponto multidimensional que se expressa como mão, pé, voz, sentimento, pensamento... Não existe uma interação real entre mão e pé, entre eu e o mundo, ou eu e você. Interação implica separação. Isso não é possível na dança. Minha mão *é* meu pé; eu *sou* minha mão; e você *é* eu. Minha voz *é* o mundo todo cantando para si mesmo. Cada coisa *é* tudo o que existe. E "interagir" *é* apenas brincar consigo mesmo, contemplar a si mesmo, dançar com o próprio corpo.

De selva, o mundo passa a ser o seu próprio corpo. A chuva *é* você dito em outra linguagem, o vento *é* você ventando. O homem não mais toma o cavalo como um outro ser com identidade exterior. Ele se vê no cavalo. Não como uma projeção do ego, mas vendo apenas o cavalo (ver-se no outro não *é* ver o *eu-ego* no outro, *é* apenas ver o outro em si mesmo, o *Eu-Universo*). A ilusória necessidade de controle se vai quando percebemos que tudo já se autocontrola, enquanto eu sou a natureza de cada coisa. Eu, peixe, me descubro sendo o próprio rio. Reconheço que sempre nadei em mim mesmo...

No começo da dança, a mente vê o corpo como uma matéria inerte, incapaz de inteligência. O corpo *é* uma marionete. Como estamos exclusivamente identificados com nossa mente (fato notável pela típica expressão "Eu *tenho* um corpo"), nós vemos o corpo exatamente da mesma maneira. Ao se introduzir a primeira camada rítmica (nos pés), a mente tem a sensação de estar dominando todo o movimento. Quando a segunda camada entra no ciclo, a mente se volta para o controle das mãos. Os pés, como sempre foram servos da mente, escorregam para fora do ritmo e começam a seguir o padrão das mãos. A mente, então, fica alternando entre pé e mão na tentativa de exercer o controle total. Mas, como vimos, isso *é* impossível e ficamos cada vez mais impacientes, confusos e desequilibrados. Diante desse conflito, alguns participantes preferem se deitar no centro do círculo até que seus corpos internalizem os arquétipos. Para quem se mantém enredado no caos, a única saída *é* levar o império mental até o fim. Frustrar a mente. Os improvisos da voz começam a nos desafiar e a mente fica totalmente perdida entre três tarefas simultâneas. Se o foco está nos pés, as mãos se perdem e repetem o ritmo dos pés. Se focamos a voz, esquecemos dos pés e das mãos. A mente fica excitada e usa de toda a sua habilidade para garantir o controle.

Mas *é* só quando desistimos de controlar o corpo, e com ele nos identificamos, que nossos pés e mãos despertam para sua própria inteligência e entram no ritmo. Sentimos que o pé já sabia aquilo desde o começo, e tudo fica absolutamente fácil e natural. Sem esforço. Era a mente que estava atrapalhando!

No final do processo, depois de umas quatro horas ininterruptas, todo o corpo se move sem nenhuma interferência externa. Transforma-se em um só fluido. A mente cessa o controle e se volta para si mesma, auto-reflexiva, autoconsciente. A mente faz seu único papel: *ela pensa*. E descobre-se como o *próprio corpo pensando*, somente isso. Apenas "uma mão" cuja ação *é* pensar. O corpo, da mesma forma que anda, pensa. Como a mão não controla o pensamento, a mente não controla a mão. Os pensamentos, assim, são somente *sons do corpo*.

A mente pensa, e só. As mãos batem palmas, e só. O pé anda, e só... Eu não os possuo. Não há ninguém controlando. Não há separação. Nós não temos pés; nós *somos* pés. Nós não temos duas mãos; nós *somos* duas mãos. Nós não temos um corpo. Nós *somos* um corpo.

*"Sentiu seus pés e pernas e, sem nenhum esforço, realizou todo o universo ali, ali no chão. Ali mesmo na terra pequena ele pisou. Pisou e foi real pela primeira vez. Nascido do vento, de nenhum lugar, da vastidão do ser que *é* real.*

*Nasceu, deu-se um nome, viu para que veio e pisou com a terra, sendo a terra. Pisou agora sem certezas, não mais precisava... ele tinha pés!*

*Ser real *é* não precisar de certezas.*

*Mas ainda. Não queria andar, só pisava. Tum, tum, tum para a direita; e tum, tum, tum para a esquerda. Continuou pisando e incorporou esse poderoso ato ao simples andar. Ele sabia para onde andava, sabia que havia só um lugar para se ir (de onde nunca se sai): a vastidão da vida.*

*Pisou e pisa agora. Quando olha para baixo, isso mais parece um salto do pé sobre seu próprio corpo. Para ele, pisar *é* saltar sobre si mesmo. *É* a Terra pulando, pulsando, e *é* por isso que o pé se levanta e volta para o chão.*

*Pisar *é* sentir o pulo da Terra..."*

Por resgatar a dimensão tribal do homem, a roda dançante possibilita a percepção de que a natureza do Outro, do grupo, da roda, do Kosmos – essa natureza imanente a todos os seres, eventos e objetos – *é a mesma que a sua*. Ao confiar em seus pés, você confia no Outro, no grupo, e passa a ter certeza de que são todos emanções de um mesmo Ser.

Dissolvendo o "homenzinho" cerebral na iluminação de que todas as partes de meu corpo são emanções de meu ser, dissolve-se também a sensação egóica de separação entre eu e o mundo, ou entre eu e o momento. A tentativa mental de controle do corpo e a tentativa (sempre frustrada) de controlar o mundo – os eventos, os objetos, etc. – *são uma e mesma coisa*. O dualismo mente-corpo é o dualismo eu-mundo. E quando eu percebo que sou *todo corpo*, que controlo meus pensamentos tanto quanto minha digestão, que controlo meus braços tanto quanto o movimento do mar... Quando eu percebo o mundo para além de sujeito e objeto, caio no reconhecimento da liberdade sempre presente: Eu sou o Mundo; Eu sou o Instante.

Em última análise, nos ciclos rítmicos da *Ta Ke Ti Na*, você aprende a confiar no próprio fluir da vida. Confiar no cavalo não é mais confiar em Outro: é apenas confiar em você, nesse fluxo harmônico da sua natureza que possibilita o *deixar-se ir* ("letting go"). A entrega total a esse abismo que *nos é*.

Confiar no cavalo é confiar em você, como um peixe que nada em si mesmo, uma folha que venta para si. Andar ao cavalo sem tentar controlá-lo é reconhecer-se como sendo o próprio Universo.

Descansamos em nossa Face Original. Nada nos é estranho. O planeta pula quando nós pulamos, a humanidade inteira sorri quando nós sorrimos. O abraço é completo. Incondicional.

Um grande Corpo dançando *Ta Ke Ti Na*, eis o Mundo!

**Gustavo Gitti**  
[gustavodrums@gmail.com](mailto:gustavodrums@gmail.com)  
[www.nao2nao1.com.br](http://www.nao2nao1.com.br)

[junho/2001]